

O ARCEBISPO

Leopoldino Marques do Amaral

O espaço de tempo que nos é dado a percorrer nesta vida, varia para cada um, para uns mal começa, para outros demora um pouco mais, sendo inegável, todavia, a brevidade da vida para todos. Sêneca, o grande filósofo romano, ficou tão preocupado com tal realidade que escreveu um pequeno livro sobre a brevidade da vida -, em que ele alerta: "*vivera tota vita descendum est mori*", isto é: viver é o que se deve aprender por toda a vida, do que talvez mais te espantes, o que deve aprender por toda a vida é morrer. Relembro esta passagem do livro de Sêneca pois, lido estudado e admirado por Dom Francisco de Aquino Corrêa que, aliás, em seu último momento, lembrou-se desse filósofo pagão, mas cujos ensinamentos têm a profundidade em muitas passagens, do viver cristão, para despedir-se da vida.

"*Saiba morrer o que viver não soube*". O sacerdote ao seu lado, lembrou-lhe: "Mas V.Exa. viveu bem!"

Que os anjos digam amém, disse por fim, o moribundo arcebispo.

"*Tota vita descendum est mori*". Dom Aquino, sem dúvida que passou a vida aprendendo a morrer. Convivi com ele nos seus dois últimos anos de vida .

Tornamo-nos amigos. Eu era para ele o "*Chanca*" e ele era para mim "*S. Exa.*" Apesar dos meus onze anos, admirava a cultura daquele homem, a facilidade com que mudava de idioma em conversas com sacerdotes de origens diversas. Falava o italiano melhor do que os italianos. Sabia a "*Divina Comédia*" de cor. Decorou-a no caminho da casa dos salesianos, onde morava, à Universidade Gregoriana. Da mesma

forma, falava o francês, o inglês e o espanhol; falava o latim, com domínio absoluto, ao ponto de ter escrito inúmeros poemas em latim, com a observância perfeita da métrica latina, que é verdadeiro quebra-cabeças.

Quando falava da flora e da fauna brasileiras, era um cientista. Sabia tudo, o nome vulgar e o nome científico.

O seu refeitório ficava em frente ao nosso. Ali vi entrar pessoas ilustres que compartilhavam de sua mesa para, na verdade, compartilhar de sua sabedoria.

Foi assim que conheci, por exemplo, o Desembargador José Barnabé de Mesquita, o Dr. Fernando Corrêa da Costa, o Dr. João Ponce de Arruda, o Marechal Cândido Rondon e o geógrafo Aroldo de Azevedo, que aqui esteve, em viagem científica para desfazer a dúvida que tinha e ensinava no seu livro de Geografia, sobre ser o rio Cuiabá afluente do rio São Lourenço.

Dessa viagem concluiu, para satisfação do orgulho dos cuiabanos e também em homenagem à verdade, que o São Lourenço é que é afluente do rio Cuiabá.

Quase que diariamente saía o arcebispo a perambular pelos bairros periféricos da cidade em visitas aos seus compadres e amigos. Eram passeios matinais, feitos a pé para manter-lhe a forma esguia e magra.

Com os humildes falava o falar cuiabano, bem puxado, sem constrangimento algum, aliás nessas horas, podia-se perceber nele um ar de imensa satisfação.

Quantas e quantas vezes, com o apoio logístico do seu fiel escudeiro, um santo homem chamado Francisco Arese, mestre salesiano, fui ao seu escritório, pedir-lhe socorro na tradução das fábulas de Pedro, que era obrigado a fazer como estudante de latim da 1ª série ginásial. Pelas amplas janelas de seu escritório podia-se ver uma belíssima e copada figueira que encobria um pouco a visão da Santa Casa, figueira que Dom Aquino imortalizou em poesia. Ao ver-me perguntava - qual é o problema

desta vez? À minha resposta de que era a tradução desta ou daquela fábula, dizia - qual é fábula? É a Lobo e o Cordeiro. Ah! sim! É aquela que diz: "*Adrivum eundem lupus et agnus venerant siti compulsi*", etc... etc? É. Vou recitar e você confira se ainda sei. E recitava, sem titubear, com uma fluência impressionante. Dom Aquino sabia todas as fábulas de Fedro, em latim, de cor. Evidentemente que a tradução que me ajudava a fazer, tinha um preço. No dia seguinte, ou dois ou três dias após deveria voltar ao seu escritório e recitar-lhe de cor, em latim, a fábula, ou um poema de sua autoria. Foi assim que aprendi, por exemplo, o seu poema sobre a mãe, no meu modesto modo de ver o mais lindo poema, em língua portuguesa, sobre a mãe - "*Nem sempre, com o tempo, se cancela/ A beleza, ou a esfloram desenganos:/ Pois, com os seus sessenta anos,/ Eu acho minha mãe sempre mais bela!*", os poemas A Virgem da Guanabara, Ave Maria, Caveira Idolatrada, A Perdiz e a Jaó, Canção do Paiaguás (nascida à beira/ Da água ligeira/ Sou Paiaguás!/ De sul a norte,/ Tribo mais forte/ que nós não há), e tantos outros.

Com Dom Aquino aprendi dois comportamentos, que conservo até hoje - quando tiver que fazer alguma redação, discurso ou qualquer escrito, nunca fazer direto, sem rascunho; o rascunho é fundamental para o trabalho bem feito. O outro comportamento - se for incumbido de escrever algo, primeiramente fazer tudo mentalmente só, então, lançar no papel. É por isso que, após os seus concorridos sermões dominicais, repetia-os palavra por palavra a quem lhe pedia cópia dos mesmos.

O Arcebispo Dom Francisco de Aquino Corrêa foi um príncipe da igreja, um príncipe de letras, que colocou Mato Grosso na Academia Brasileira de Letras, mas era, acima de tudo, um ser humano de primeira grandeza.